

A CONTRIBUIÇÃO DE ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA FORMAÇÃO DO DOCENTE ALFABETIZADOR

Allyne Garcia Bisinotto¹
Lauro Luiz Pereira Silva²

Resumo: Vários estudos fonéticos e fonológicos desvelam a relação indissociável entre fala e escrita. Muitos pesquisadores acreditam que a fala exerce um papel sobre a escrita, a qual também exerce uma função importante sobre a fala, de tal modo que fala e escrita não estabelecem uma relação unidirecional. Fronza e Geremias (2002), Fronza (2003), Fronza e Varella (2003a, 2003b) já argumentavam a possibilidade de uma relação entre texto e fonologia no processo de alfabetização. Mas uma importante questão surge a partir dessas pesquisas: por que a criança, apesar de dominar os aspectos fonético-fonológicos da língua, quando se depara com estruturas do tipo CCV (como em “braço”) ou CVC (como em “carta”), por exemplo, representam, na escrita, estruturas parecidas com o que se identifica na aquisição da fala (baço - [‘basu]; cata - [‘kata])? Ainda, segundo Fronza, Gomes, Lemes e Stein (2006), pergunta-se: é possível dizer que na aquisição da escrita atuam estratégias cognitivas semelhantes às utilizadas por crianças de 2 a 4 anos em sua fala? Pode-se conceber uma fonologia de escrita? Diante disso, percebe-se que a aquisição da linguagem escrita é um processo similar à aquisição da fala. Embora este trabalho encontre-se em andamento e seja relativo à Linguística, fica clara a relevância de articular conhecimentos teóricos e práticos na formação do docente alfabetizador. Vale-se dizer que o professor alfabetizador é um mediador que deve propor atividades que levem a refletir sobre o funcionamento da língua materna em todas as modalidades, bem como sobre suas relações. Em verdade, não é possível pensarmos em formação docente como ações individuais apenas; reconhecemos que aos professores cabe gerenciar e articular as diferentes fontes de conhecimento. Nesse sentido, este artigo apresenta um panorama geral de quais estudos fonéticos e fonológicos contribuem para a formação e prática do professor alfabetizador, defendendo ainda o entendimento de que esses estudos não se limitem apenas a seminários ou *workshops*, mas que consolidem em uma disciplina nos cursos de Pedagogia e Normal.

Palavras chaves: fonética, fonologia, formação de professores.

Abstract: *Several phonetic and phonological studies reveal an inseparable relation between speech and writing. Many researchers believe that speech influences in writing. Fronza and Geremias (2002), Fronza (2003), Fronza and Varella (2003a, 2003b) have argued the possibility of a relationship between text and phonology in the process of alphabetization. However, important discussion arises from this research: why the child structures in writing occurrences that are similar to speech acquisition (basu - [‘basu]; cata - [‘kata]) when they are exposed with CCV structures (“braços”) or CVC (“carta”)? Fronza, Gomes, Lemes and Stein (2006) posit: might written acquisition utilize similar cognitive strategies to those employed in the acquisition of spoken language? Might one understand a phonology of writing? Accordingly, language written acquisition is a process similar to the*

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Instituto de Letras e Linguística; Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. allynegarciabisinotto@yahoo.com.br

² Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Instituto de Letras e Linguística; Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. lauro.steiner@gmail.com

language speech acquisition. Although this research is in progress and it belongs to an area of Linguistics, it clearly links the importance of theoretical knowledge and practical training of alphabetization teachers. It is so important to say that the alphabetization teacher is a mediator who proposes activities that reflect on the functioning of all forms the language and their relationships. In fact, we cannot think a teacher as an only individual action, as teachers have to manage and coordinate the different sources of knowledge. So, this paper presents that phonetic and phonological studies contribute to the formation and practice of alphabetization teachers and these studies are not only limited in seminars or workshops, but they consolidate into subject in Pedagogy and Normal courses.

Keywords: *Phonetic. Phonology. Teacher Formation.*

1 Introdução

Nos cursos de licenciatura, percebe-se uma lacuna no que se refere à relação entre teoria e prática, isto é, não problematizam suficientemente essa complexa relação. Em vista disso, no trabalho, partimos da seguinte questão: em que condições estudos fonéticos e fonológicos inserem-se nos cursos de Pedagogia e Normal? Assim sendo, este artigo mostra a relevância de estudos fonéticos e fonológicos na formação do docente alfabetizador, cumulado à tarefa de articular teoria e prática.

Quando a criança inicia sua vida escolar, vê-se em meio a um grande estranhamento, pois a vida escolar distorce parcialmente o mundo ao qual estava acostumada. A criança passa a estar diante de regras, normas para falar “corretamente”, ao mesmo tempo em que é inserida em uma nova modalidade, a escrita, que antes não era tão comum a ela quanto a fala. Para a grande maioria delas, isso ocorre de uma forma muito abrupta, uma vez que à criança são impostas regras e a outras modalidades de coerção sem haver um suficiente esclarecimento dessa nova relação.

Diante disso, no que se refere a estudos fonológicos ligados à alfabetização e apresentando dados significativos, muitos estudos nacionais têm sido realizados. Muitos pesquisadores argumentam que é relevante ter a criança habilidades de processamentos fonológicos para o processo de alfabetização, bem como para o letramento efetivo da criança. Isso implica que a capacidade de refletir sobre a estrutura da fala e sobre a manipulação de seus segmentos estruturais está intimamente relacionada à leitura e à escrita.

Como aponta Othero (2005), com um ano de idade, a criança já começa pronunciar suas primeiras palavras na língua materna tendo a fala do adulto como referência. Em outros termos, o *output* do adulto é o *input* da criança. Esta tenta adaptar sua fala de uma forma que seja mais próxima possível do adulto. Obviamente, a fala da criança não é uma representação fiel da fala dos adultos, ocorrendo desvios de sons, muitos deles reforçados pelos próprios adultos. Na fase escolar, esses desvios podem refletir na aquisição da língua escrita.

Essas tentativas da produção de fala da criança não são desordenadas e caóticas como parecem. De acordo Leonard (1991, p. 281 apud OTHERO, 2005), “as crianças normalmente têm formas sistemáticas de reduzir as palavras adultas a formas que se adequam a suas capacidades de produção”. Em outros termos, há um sentido sistemático e as propriedades na fala das crianças são passíveis de serem estudadas, uma vez que, por meio desses estudos e a partir deles, além do pesquisador, o docente alfabetizador pode detectar desvios na produção de determinados sons ou grupo de sons produzidos pela criança, apresentar a ela variações linguísticas inerentes a sua língua materna, bem como conduzi-la à pronúncia efetiva desses sons, além de mostrar como isso se configura na escrita. Dessa forma, a criança estará exposta a realidade palpável do funcionamento de sua língua materna. No entanto, cabe uma questão: como o docente alfabetizador deve proceder nessas situações? Até que ponto os cursos de formação de docentes alfabetizadores oferecem subsídios teórico-metodológicos no que tange a conhecimentos fonéticos e fonológicos?

Aparentemente, os cursos de Pedagogia e Normal não apresentam em seus currículos uma disciplina voltada à Fonética e Fonologia, assim como estudos relacionados a processos fonológicos na aquisição da linguagem. Vemos que esses estudos estão concentrados na Linguística (no Núcleo Rígido), na Psicologia e na Fonoaudiologia. Em vista disso, este artigo propõe como objetivo mostrar que estudos fonéticos e fonológicos contribuem significativamente para a formação do docente alfabetizador e para sua atuação no processamento de alfabetização e letramento da criança. Considerando que, quando chega à escola, a criança traz uma realidade fonológica desconhecida pelos docentes alfabetizadores, entendemos que é a partir dessa situação, portanto, que os estudos fonéticos e fonológicos contribuem para um melhor desempenho dos profissionais da educação infantil.

2 Estudos fonológicos e alfabetização: um panorama

Um dos momentos mais complexos da alfabetização incide na percepção de que palavras escritas possuem combinações de letras que se relacionam com unidades sonoras (fonemas), que, por sua vez, são propriedades da fala.

Essa temática vem sendo discutida por vários pesquisadores fonoaudiólogos, psicólogos e linguistas com o objetivo de demonstrar a forte ligação entre alfabetização, letramento e conhecimento dos processos fonológicos na fase da aquisição da linguagem oral e escrita. Por um tempo, segundo Soares (2004), privilegiou-se o aspecto psicológico da alfabetização, ofuscando-se, assim, a esfera linguística, especificamente a fonética e a fonologia. Argumentava-se que a criança é alfabetizada apenas com o convívio da cultura da escrita. Apesar de muitos progressos em relação aos estudos da alfabetização, atualmente, parece que essa ideologia ainda perpetua no nosso sistema educacional e mostra-se eficaz até certo estágio do aprendizado.

De acordo com Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991) há uma variabilidade de processos fonológicos que quantifica entre oito e quarenta e dois processos. Elencaremos alguns processos mais comuns na fala da Língua Portuguesa e que eventualmente interferem na aquisição escrita. Os exemplos são de Lamprecht (1986), Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991) e Othero (2005).

a) Processos de Estruturação Silábica

1. Redução de encontro consonantal: é a redução de um encontro consonantal dentro da mesma sílaba por meio do apagamento de uma das consoantes.

Exemplos:

cobra _ [«kø.ba]

[br] > [b]

fruta_ [«fu.ta]

[fr] > [f]

2. Apagamento de sílaba átona: é o apagamento de sílaba não acentuada, que pode ser pré-tônica ou pós-tônica, em palavras com mais de uma sílaba (geralmente tri- ou polissílabas).

Exemplos:

bicicleta _ [bi. «ke.ta] (apagamento de sílaba pré-tônica)

[si] > Ø

fósforo _ [«føs.u] (apagamento de sílaba pós-tônica)

[fo] > Ø

3. Apagamento da fricativa final: é o apagamento de /s/ no final de sílaba dentro da palavra.

Exemplos:

estrela _ [i. «te.la]

[s] > Ø

floresta _ [fo. «re.ta]

[s] > Ø

4. Apagamento de líquida final: é o apagamento de uma consoante líquida – lateral (/l/, /ʎ/) ou não-lateral (/r/) – em posição final de sílaba dentro da palavra ou em final de palavras (FSFP).

Exemplos:

martelo _ [ma.«te.lu]

[r] > Ø

porta _ [pø«.ta]

[r] > Ø

5. Apagamento de líquida intervocálica: é o apagamento de uma consoante líquida, lateral ou não-lateral, que ocorre entre duas vogais.

Exemplos:

borboleta _ [bo.«e.ta]

[l] > Ø

velinha _ [ve.«i.µa]

[l] > Ø

6. Apagamento de líquida inicial: é o apagamento de uma consoante líquida, lateral ou não-lateral, em início de palavra.

Exemplos:

rabo _ [«a.bu]

[r] > Ø

livro _ [«i.vu]

[r] > Ø

7. Metátese: é a reordenação dos sons dentro da mesma palavra: o fone muda de lugar dentro da mesma palavra. Note que, em ambos os exemplos, aconteceu processos simultâneos (metátese e semivocalização da líquida).

Exemplos:

trator _ [tay. «toy]

[tra] > [tar] / [r] > [y]

placa _ [«pay.ka]

[pla] > [pal] / [l] > [y]

8. Epêntese: é a inserção de uma vogal entre duas consoantes.

Exemplos:

brabo _ [ba. «ra.bu]

[bra] > [ba.ra]

gruda _ [gu. «ru.da]

[gru] > [gu.ru]

b) Processos de Substituição

1. Desonorização da obstruinte: é a produção como surdas das plosivas, fricativas ou africadas sonoras.

Exemplos:

zebra _ [«se.pa]

[z] > [s] / [b] > [p]

gato _ [«ka.tu]

[g] > [k]

2. Anteriorização: é a substituição de uma consoante palatal ou velar por uma alveolar ou labial.

Exemplos: cachorro _ [ka.«so.Ru]

[S] > [s]

chinelo _ [si.«ne.lu]

[S] > [s]

3. Substituição de líquida: é a substituição de uma consoante líquida, lateral ou não-lateral, por outra líquida.

Exemplos:

armário _ [a.«ma.lyu]

[r] > [l]

dirigindo _ [dZi.li.«_in.du]

[r] > [l]

4. Semivocalização de líquida: é a substituição de uma consoante líquida, lateral ou não-lateral, por uma semivogal.

Exemplos:

comer _ [ko.«mey]

[r] > [y]

pular _ [pu.«lay]

[r] > [y]

5. Plosivização: é a substituição de uma consoante fricativa ou uma africada por uma consoante plosiva.

Exemplos: vaca _ [«ba.ka]

[v] > [b]

saia _ [«taya]

[s] > [t]

6. Posteriorização: é a substituição de uma consoante labiodental, dental ou alveolar, por uma palato-alveolar ou velar.

Exemplos: sol _ [«Søw]

[s] > [S]

tesoura _ [tSi.«Zo.ra]

[z] > [Z]

7. Assimilação: é a substituição de um som por influência de outro que se encontra na mesma palavra. Um som influencia outro, tornando-o igual ou parecido consigo.

Exemplos:

girafa _ [vi.«ra.fa]

[Z] > [v]

corneta _ [to.«ne.ta]

[k] > [t]

8. Sonorização pré-vocálica: é a realização como sonoras das consoantes plosivas, fricativas ou africadas surdas que ocorrem antes de um som vocálico.

Exemplos:

confusão > [gõn.vu.«zãw]

[k] > [g] / [f] > [v]

tesoura _ [dZi.«zo.ra]

[tS] > [dZ]

Esses processos listados anteriormente mostram alguns comportamentos fonológicos que ocorrem às crianças no período de aquisição da fala. No período escolar, esses comportamentos implicam na transferência, pela criança, de atributos da modalidade fala para modalidade escrita, bem como o inverso.

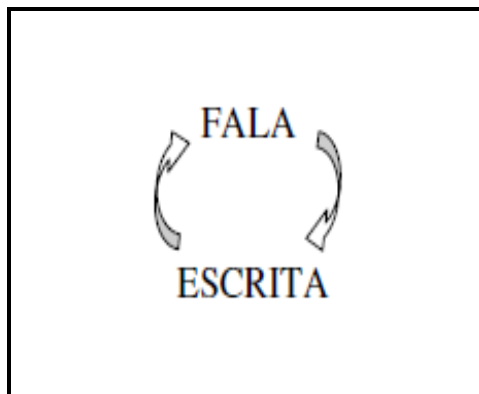
Tradicionalmente, a Linguística tratava a fala como mais basilar que a escrita. Em um mesmo raciocínio, Lyons (1982) defende que a fala é histórica, funcional, estrutural e biologicamente prioritária à escrita: é histórica, pois não se sabe se tem existido uma sociedade com a capacidade de fala; estrutural, pois quem determina as combinações entre as letras é a fala (quando a língua se vale de um sistema alfabético de escrita); é funcional porque a fala ocupa a

maior parte na comunicação humana; é, por fim, biológica, pois estudos comprovam que o homem é pré-programado para falar.

Em abordagem investigativa, estudiosos do século XIX notam que as mudanças linguísticas ao longo da história presentes nos textos escritos poderiam ser frutos de mudanças ocorridas na fala. Diante dos argumentos anteriores, fica claro imaginar que a fala é que interfere na escrita e este seria o único caminho.

Em contrapartida, Schwindt et. alli. (2007), com base nos argumentos de Kato (1990), defende que relação entre a fala e a escrita não é unidirecional: não é apenas a fala que influencia a modalidade da escrita, mas a escrita também tem um papel significativo na oralidade. Para ele, é inegável que a escrita é alimentada pela fala, pois é a partir dela que a criança iniciará o seu primeiro estágio de letramento. Contudo, o pesquisador argumenta que quando ultrapassa esse estágio, a fala da criança passa a sofrer também influência de códigos da escrita. A seguir, tem-se um esquema baseado em Kato (op. cit) e Schwindt (op. cit), que mostra as relações de alimentação e retroalimentação entre fala e escrita:

Figura1 – Relações de alimentação e retroalimentação entre escrita e fala



Fonte: Schwindt et. alli. (2007)
apud Kato (1990)

Schwindt et. alli. (2007) explica que esse esquema deve ser interpretado no sentido horário. Sendo assim, o início reside na fala no pré-letramento. A seta à direita nos mostra a fala como causador inicial da escrita (alimentação). A seta à esquerda indica as possíveis influências

da escrita na fala pós-letramento (retroalimentação). Os estudos de Collischonn (2003) ilustram o que Schwindt et. alli. (2007) chama de efeitos retroalimentadores da escrita.

O trabalho dessa pesquisadora se refere à ocorrência da vogal epentética que desfaz encontros consonantais em palavras como *digno* (digino), *psicologia* (piscologia), *tecnologia* (tecnologia), entre outras, no Sul do Brasil. Nas normas da escrita, a variante privilegiada é aquela em que não ocorre epêntese. Em vista disso, falantes mais escolarizados apresentariam uma menor frequência de epêntese na produção oral. A hipótese da autora configura-se mediante esse fato que evidencia plenamente a influencia da escrita na fala. Os resultados de sua pesquisa confirmam sua hipótese. Por meio dos estudos que realizou, os pesquisadores observaram também que esse não é um caso de prescrição escolar que age; todavia, comprova que a escrita age diretamente na modalidade oral do falante usuário da escrita.

Além da epêntese, há outras variáveis que a escola não estigmatiza em relação a suas variantes: é o caso da harmonia vocálica. Este fenômeno ocorre quando vogais médias (e, o) assimilam o traço de altura das vogais subseqüentes (como, por exemplo, *minino* e *cutuvelo*, entre outras). Schwindt (2002), com trabalhos com o dialeto do Sul, observou que à medida que o nível da escolaridade dos falantes aumentava, o índice de ocorrência de harmonia vocálica diminuía. É importante ressaltar que esse fenômeno não é estigmatizado socialmente e, aparentemente, não há um controle normativo por parte da escola.

Esses fenômenos expostos nos revelam que a relação entre fala e escrita existe a partir de uma “via de mão dupla”. Segundo Schwindt et alli. (2007), não é apenas a oralidade que influencia na escrita, mas a escrita tem função determinante sobre a fala. Em decorrência disto, podemos dizer que os estudos de Schwindt revelam que a fala e escrita exercem a função de retroalimentadores no estágio de alfabetização.

Abaurre (1990) já dizia que a escrita é desenvolvida como um *continuum* em que se inserem diferentes manifestações de oralidade e de escrita. Em um mesmo raciocínio, os estudos de Fronza e Geremias (2002), Fronza (2003), Fronza e Varella (2003a, 2003b) argumentavam pela possibilidade de uma relação entre texto e fonologia no processo de alfabetização. Os pesquisadores verificaram, em suas investigações, que havia na escrita aspectos fonológicos característicos da aquisição da linguagem. Resultado esperado. Contudo, uma questão no trabalho permaneceu: por que, apesar do domínio dos aspectos fonético-fonológicos da língua, quando se depara com estruturas CCV (como em “braço”) ou CVC (como em “carta”), por exemplo, a

criança representa, na forma escrita, estruturas parecidas com o que se identifica na aquisição da fala (baço - [‘basu]; cata - [‘kata])? Com Fronza, Gomes, Lemes e Stein (2006) é possível dizer que, na aquisição da escrita, atuam estratégias cognitivas semelhantes às utilizadas pelas crianças de 2 a 4 anos na sua fala? Pode-se conceber, diante de tais questionamentos, uma fonologia de escrita?

Com o intuito de responder a essas perguntas, em 2004 (no trabalho *Produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita*, um projeto da UNISINOS que tem por professora responsável Cátia de Azevedo Fronza) iniciou-se um estudo relacionado à fala de crianças de 2 a 10 anos, de duas formas simultâneas: a) um estudo longitudinal, para investigar a fala de crianças de 2;0 a 3;7; e b) um estudo transversal que se ocupará da fala e/ou escrita de crianças de 3;8 a 10;0.

Ainda em andamento, de acordo com a coleta e análise parcial dos dados, os estudos mostram que, na fala das crianças, há um avanço fonético/fonológico ao longo do tempo, bem como apontam a rapidez com que os informantes aprendem e manifestam seus conhecimentos linguísticos. Em outros termos, observou-se que houve um progresso das estruturas complexas e que isso ocorreu também na fase da aquisição da escrita. Porém, diante desses dados, os pesquisadores reforçam questões da seguinte natureza: porque a criança, com o domínio fonético e fonológico das estruturas de sua língua, altera na escrita formas que não estão de acordo com sua língua, abandonando as de natureza ortográfica? O trabalho ainda se encontra em processo de construção. Todavia, mesmo que parcialmente, esta pesquisa demonstra a grande importância do conhecimento teórico das realidades fonético-fonológicas infantis para o aperfeiçoamento da prática do alfabetizador.

Em um mesmo enfoque, muito se estuda sobre a alfabetização e consciência fonológica. Pesquisadores acreditam que trabalhos envolvendo a consciência fonológica para o ensino da correspondência dos grafemas-fonemas interferem significativamente no estágio da alfabetização e letramento. Paula, Mota e Keske-Soares (2005) investigaram a influência da terapia em consciência fonológica no processo de alfabetização e concluíram que mostrar para a criança como a modalidade da fala é estruturada e manipulada facilita sua compreensão na alfabetização.

Segundo Capovilla, Dias e Montiel (2007) consciência fonológica é a habilidade de refletir sobre a fonologia da linguagem. Segundo esses autores, fala e escrita são recíprocos, isto é, componentes da consciência fonológica auxiliam a aquisição de habilidades iniciais de leitura e

escrita que facilitam o desenvolvimento das estruturas mais complexas. Num estudo com 394 crianças de ambos os sexos, estudantes de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental de uma escola municipal em uma cidade do interior do estado de São Paulo, por meio de uma prova de consciência fonológica, os autores revelam que a consciência fonológica desenvolve-se gradualmente, à medida que a criança se torna consciente de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis. Para a essa prova de consciência fonológica foram abordados 10 componentes da consciência fonológica:

- os subtestes de Síntese Silábica e Síntese Fonêmica avaliam a capacidade da criança de unir sílabas e fonemas, respectivamente, apresentados oralmente pelo aplicador;
- subtestes de Julgamento de Rima avalia a capacidade da criança de discriminar rimas, ou seja, dentre três palavras faladas, ela deve dizer quais são as duas que terminam com o mesmo som;
- subteste de Julgamento de Aliteração avalia a capacidade da criança de discriminar aliterações, ou seja, dentre três palavras faladas, ela deve dizer quais são as duas que começam com o mesmo som;
- subtestes de Segmentação Silábica e Segmentação Fonêmica verificam a capacidade da criança de separar palavras apresentadas oralmente pelo aplicador em sílabas e de fonemas, respectivamente;
- subtestes de Manipulação Silábica e Manipulação Fonêmica avaliam a capacidade de formar novas palavras por meio da adição e da subtração de uma sílaba ou de um fonema, respectivamente;
- os subtestes de Transposição Silábica e Transposição Fonêmica verificam a capacidade da criança de criar palavras oralmente por meio de inversão silábica ou fonêmica (CAPOVILLA; DIAS; MONTIEL, 2007, p. 57):.

Nesse estudo, os autores observaram que a consciência fonológica se desenvolve a partir de uma exposição a regras da escrita. Verificaram também que se o desenvolvimento da consciência fonológica for precário, isso pode refletir na compreensão de rimas e aliterações no primeiro ano escolar, bem como resultará em dificuldades na escrita de sílabas nas séries futuras. Em vista disso, os pesquisadores sugerem que, para uma intervenção eficaz na alfabetização, deve-se realizar uma avaliação detalhada de cada componente da consciência fonológica.

Diante dos estudos colocados, podemos concluir que a fala e a escrita são elementos indissociáveis no estágio da aquisição da escrita e que, posteriormente, a modalidade escrita também influenciará na fala do indivíduo.

3 Considerações finais

Neste artigo, apresentamos um panorama geral sobre a relação entre estudos fonológicos e da alfabetização. Por meio dessas pesquisas é possível perceber que os estudos fonológicos são relevantes para a formação do professor alfabetizador. O docente, portanto, lançando mão da teoria fonológica, poderá trabalhar mais seguramente no processo da alfabetização das crianças, além de instituir um desempenho profissional mais produtivo.

Em vista disso, é de crucial importância que professores alfabetizadores compreendam melhor como se configuram a aquisição da fala e seus processos fonológicos para entender, mais intimamente, a aquisição da linguagem escrita. Lembrando que fala e escrita inscrevem-se em uma “via de mão dupla” e que seus processos de aquisição são similares.

Consideramos que, no âmbito dos estudos tratados, a relação entre teoria e prática deve ser aprofundada. A incorporação dos estudos fonéticos e fonológicos nos cursos de Pedagogia e Normal implicaria positivamente na formação e desempenho do docente alfabetizador.

Referências

ABAURRE, M. B. M. Língua oral e língua escrita: interessam à lingüística os dados da aquisição da representação escrita da linguagem? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 9. 1990. **Anais...** Campinas, IEL/Unicamp, 1990.

BISOL, L. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. 1981. 352 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 296 p.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e fonologia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2005. 127 p.

CAPOVILLA, A.G. S.; DIAS, N. M.; e MONTIEL, J. M. Desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica no ensino fundamental e correlação com nota escolar. **PsicoUSF**, Cidade, jun. 2007, v. 12, n.1, p.55-64. ISSN 1413-8271.

COLLISCHONN, Gisela. Epêntese Vocálica no Português do Sul do Brasil: Variáveis Extralingüísticas. **Revista Letras**, Curitiba, Editora UFPR, n. 61, especial, p. 285-297, 2003.

COUTO, Hildo Honório do. **Fonologia & Fonologia do Português**. 10.ed. Brasília: Thesaurus, 1997. 202 p.

FRONZA, C. A. e GEREMIAS, V. Características fonológicas presentes na alfabetização. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 6. 2002. **Anais...** Belo Horizonte, v. 1, p. 1-10. CD-Rom.

_____.; _____.; VARELLA, N. K. Texto e fonologia na alfabetização: implicações pedagógicas. In: **Anais...** CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 13. 2003a., Campinas, ALB, p. 1-12. CD-Rom.

_____.; _____.; _____. Aspectos fonológicos nos textos de crianças em alfabetização. **Textura** (Canoas), Canoas, v. 8, p. 39-48, 2003b.

_____.; GOMES, Cristina. LEMES, Patrícia Beatriz. STEIN, Micheli. **Relações entre fala e escrita**: contribuições para a ação do professor. UNIREVISTA (UNISINOS. Online), v. 1, p. 1-12, 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Fronza.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2009.

_____. Fala e escrita: considerações preliminares sobre dados da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. **FUNDAMENTAL Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 2, p. 235-252, jul./dez. 2007.

KATO, Mary. **No Mundo da Leitura**: Uma perspectiva psicolinguística. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LAMPRECHT, Regina Ritter. **Os processos nos desvios fonológicos evolutivos: estudo sobre quatro crianças**. 1986. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1986.

LEONARD, Laurence B. Deficiência fonológica. In: FLETCHER, Paul; MacWHINNEY, Brian. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. **ReVEL**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem. v. 3, n. 5, 2005. ISSN 1678-8931 Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 20 nov. 2009.

PAULA, G. R.; MOTA, H. B.; KESKE-SOARES, M. A terapia em consciência fonológica no processo de alfabetização. **Pró-Fono**. Revista de Atualização Científica, Barueri (SP), v. 17, n. 2, p. 175-184, mai.-ago. 2005.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana Cristina. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. p. 203-232.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e Variação**: Recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 01-12.

_____.; C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita.. **ReVEL**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem. v. 5, n. 9, ago. 2007. ISSN 1678-8931. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 20 nov. 2009.

SILVA, A. M. et al. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2005. 136 p.

SOARES, Magda B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./fev./mar./abr. 2004, p. 5-17.

VIEGAS, M. do C. **O alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolinguística. 1987. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIGOTSKY, Lev Semnovich. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. **Avaliação fonológica da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.